

Dívida externa cresce US\$ 1,1 bi com juros mais altos nos EUA

Cristiane Perini Lucchesi

De São Paulo

O aumento de juros básicos americanos tem um impacto imediato sobre a dívida externa brasileira e dificulta o fechamento das contas do país. Segundo estudo do Bicbanco, uma alta de 100 pontos-base, o equivalente a 1,00 ponto percentual, traria um acréscimo de US\$ 1,1 bilhão em 12 meses no pagamento que o Brasil terá de fazer de juros.

Na terça-feira, o Fed, banco central dos Estados Unidos, subiu os juros básicos em 50 pontos-base. O mercado espera que nas próximas duas reuniões, em junho e agosto, aconteçam novas altas, de 25 pontos-base cada. Seriam os 100 pontos-base de que fala o Bicbanco, que elevariam os juros americanos para 7% ao ano.

A "prime rate", taxa do mercado interbancário americano, e a "libor", juro praticado entre os bancos em Londres, acompanham os juros básicos dos Estados Unidos. De acordo com Luiz Rabi, economista-chefe do Bicbanco, 48% da dívida externa brasileira, cerca de US\$ 115 bilhões, são corrigidos por taxas de juros pós-fixadas. Só a "libor" indexa

80% do total, sobretudo os "bradies", títulos da dívida renegociada em 94, os papéis da dívida externa anteriores aos "bradies", o acordo com o Clube de Paris, além de créditos concedidos pelo Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial.

Assim, segundo o Bicbanco, nos próximos 12 meses contados a partir de outubro, a despesa adicional com os juros da dívida externa seria de US\$ 1,1 bilhão. A conclusão do estudo: o país terá de gerar superávit comercial maior (mais exportações e menos importações) para conseguir manter estável o déficit em transações correntes na casa dos US\$ 24 bilhões.

O diretor do Bicbanco, Paulo Mallman, espera superávit comercial de US\$ 400 milhões a US\$ 500 milhões nos próximos meses. Ou seja, seriam necessários três meses de saldo comercial somente para pagar o acréscimo nos juros da dívida externa. E Mallman está sendo otimista. De janeiro até a segunda semana de maio, a balança comercial está com um saldo de aproximadamente US\$ 350 milhões.

"Começamos o ano 2000 com um cenário extremamente posi-



Para Paulo Mallman, diretor do Bicbanco, o "crash" na Bolsa dos EUA seria melhor para o Brasil que a alta dos juros

tivo para o Brasil e para o mundo. Mas isso acabou rapidamente", disse Mallman. O diretor do Bicbanco disse que torcia para que a queda no Nasdaq, o índice de ações de empresas de tecnologia e internet nos Estados Unidos, fosse mais forte. Se um "crash" na Bolsa de Nova York acontecesse, argumenta, a economia americana entraria em um ritmo de crescimento menor. O Fed não precisaria subir os juros com tanta força. "Com o banco central mundial subindo os juros americanos, todo o dinheiro fica por lá, dificultando a situação para os demais países", afirmou Mallman.

O Bicbanco conclui que o au-

mento no superávit da balança comercial brasileira não será nada fácil. Primeiro, porque os preços internacionais do petróleo voltam a subir e o Brasil, como importador de petróleo, vê o valor de suas importações se elevando. A economia brasileira passa por uma fase de reativação, o que também acaba contribuindo para aumentar as importações.

Também preocupa o fato de o euro perder valor em relação ao dólar, como consequência da própria alta dos juros americanos, afirma Luiz Rabi. O euro mais barato torna os produtos brasileiros mais caros na Europa, reduzindo as exportações brasileiras

para o continente. A desaceleração da economia dos Estados Unidos, também consequência da própria alta dos juros e das oscilações bruscas nos preços das ações, é mais um fator a impedir o crescimento expressivo nas exportações brasileiras, avalia o estudo do Bicbanco.

Para completar o quadro de dificuldades comerciais, a Argentina, importante consumidor dos produtos brasileiros, está com dificuldades para sair da recessão, diz o Bicbanco. O banco JP Morgan está recomendando a seus clientes que reduzam a participação dos papéis argentinos nos seus portfólios.